

ÁRVORES E PILARES CÓSMICOS NAS COSMOGONIAS INDIANAS, NA APOCALÍPTICA PERSA E EM CASOS ESPECÍFICOS INDO-EUROPEUS

Julia Câmara da Costa (PEJH/UnB)

A imagem de uma “árvore cósmica” ou “árvore da vida” faz parte de um corpo de mitos, ritos, imagens e símbolos que geram o “simbolismo do centro”. O *Axis Mundi*, coluna do universal, é o que sustenta o Céu e a Terra, com base no mundo que se encontra abaixo. Tal coluna cósmica encontra-se no centro do Universo e pode ser simbolizada por um pilar, escada, cipó, montanha ou, como o foco de nosso estudo neste *paper*, por uma árvore. Por serem um *Axis Mundi*, estes pilares cósmicos tocam de algum modo o Céu e marcam o ponto mais alto do mundo, acabando por passar todo seu simbolismo para a região em que se encontram, transformando-as em *imago mundi*, a imagem do Universo, como diz Eliade (1). O centro então é o ponto do começo absoluto e a sacralidade dos pilares e árvores desvendam as estruturas mais profundas do mundo, num ponto de vista mítico.

Talvez estejam mais vivas nas nossas mentes figuras de árvores como as do Velho Testamento. Seja a de Adão e Eva no Gn 2-3, ou cedro do Líbano descrito como nutrido pelas águas primordiais, sendo maior que todas as outras árvores e assumindo uma dimensão cósmica citado em Ez 31:3-8. Fato é que tais símbolos representando o centro do Universo aparecem em diversos contextos e parecem derivar de um background mesopotâmico. A própria “árvore da vida serifótica” (2) da Cabala judaica (1 d.C.) parece derivar da árvore mesopotâmica. Assim, toda a estrutura doutrinal da Cabala é envolvida no diagrama da árvore serifótica que apresenta várias semelhanças com a “árvore da vida” assíria.

Não só um símbolo do centro do mundo, mas também da seqüência de “nascimentos” e “mortes” do cosmos, da vida, juventude, sapiência e imortalidade, a árvore assume um importante papel na mitologia indo-européia. Dentre os vários exemplos de árvores sagradas no ambiente indo-europeu

temos a árvore mítica dos povos bálticos que recebe o nome de *saules koks* (“árvore do sol”), mas não apresenta traços cósmicos com clareza, ao contrário da árvore cósmica escandinava que aparece nos poemas *Völuspá* e *Grimnismál*. Nos *Grimnismál*, a árvore aparece com três raízes que se estendem por três lados diferentes onde mora a deusa do subterrâneo *Hel* num dos lados, os gigantes noutro e os homens no terceiro lado. No *Grimnismál* 35, em especial, a árvore mítica simboliza o mundo em seu aspecto temporal. Já no poema *Völuspá* tem-se a *Ygdrassil* que se eleva majestosamente sobre a terra com nove galhos que são interpretados como nove mundos. Na antiguidade arcaica a árvore é adorada por revelar o poder e força sagrada de um ser divino, que o homem tanto sente medo quanto venera. Tal poder se manifesta a partir do centro cósmico e radia para os demais lugares. Assim, representando tanto o centro como o todo, a árvore sagrada vira a “árvore cósmica”. A *Ygdrassil* então, é um perfeito exemplo de “árvore cósmica”, assim como a presente no texto persa *Bahman Yašt* (BY) (3).

Antes de me aprofundar no papel da “árvore cósmica” do BY, é necessário esclarecer sobre o que se trata tal texto. Este não é originalmente um apocalipse, mas sim “uma compilação secundária de material apocalíptico de diversas origens”, segundo Hultgård (4). Juntamente com o *Ardâ Wirâz Nâmag* (apocalipse de viagem ao além), o BY constitui um dos únicos textos que ainda pode ser chamado de “apocalipse persa”. Apresenta elementos, em sua narrativa, de caráter apocalíptico, como os sinais anunciando o fim do milênio de Zoroastro e outros eventos relacionados ao fim dos tempos, além do diálogo entre Zoroastro e Ahura Mazda, o “Senhor da Sabedoria”, a visão de quatro eras e, posteriormente, a visão de sete idades. Infelizmente, hoje somente temos contato com um comentário escrito em *pahlavi* (persa médio) produzido no período sassânida (221 a.C.-642 d.C.) do possível original avéstico do texto (um *zand*) (5).

Em BY 1 surge uma árvore com galhos metálicos – de ouro, prata, aço e de algo não especificado misturado a ferro - representando reinados persas,

alguns míticos e outros históricos. Em Daniel 2 (6), o rei da Babilônia, Nabucodonosor, sonha com uma estátua cujas partes são compostas de ouro, prata, bronze e uma mistura de ferro e argila (7) - na interpretação fornecida por Daniel, uma sequência de reinos mundiais, mas todos históricos (8). A árvore, tal como aparece no BY, representa períodos da “história mítica” do Irã zoroástrico. Na primeira variante do mito no texto, enquanto há um diálogo entre Ahura Mazda e Zoroastro sobre a criação do mundo pelo primeiro, os galhos da árvore representam quatro idades e, apesar do aspecto cósmico não ser mais desenvolvido, está canalizado para a imagem do milênio de Zoroastro (9).

Porém, não é só nesse texto que a tradição daniélica se aproxima da persa. Entre os Manuscritos do Mar Morto 4Q552-553, de composição em aramaico, alude-se ao tema dos quatro impérios mundiais, mas agora a partir de uma metáfora com quatro árvores, e não de uma estátua. Além desta distinção, em Dn 2 o reino dos babilônicos é anterior ao persa, ao passo que em 4Q552-3 há uma inversão da ordem.

1...[Eu vi um anjo] 2. permanecendo sobre o que ilumina (brilhava) e quatro árvores [ficaram ao lado] dele. E as árvores levantaram-se e afastaram-se dele. E ele disse [a mim: Você vê] esta figura? E eu disse: Sim. Eu a vi e a tomei em consideração. E eu vi a árvore...estabelecida. E eu lhe perguntei: Qual é o seu nome? E ela me disse: Babel. E eu disse a ela: Você é a que reina sobre a Pérsia? E eu vi outra árvore... e eu lhe perguntei: Qual é o seu nome? [E ela me disse:... e eu lhe disse: [Você é a [que reina sobre todos] os poderes do mar e sobre os portos [e sobre]...? [E eu vi] a terceira árvore [e] eu disse [a ela: Qual é o seu nome e por que] a sua aparência...

3. ...Deus Altíssimo...

Tais árvores também apresentam um certo caráter cósmico - como a árvore do BY - mostrando que os paralelos entre os dois complexos míticos são bastante próximos. O que antes, na mitologia iraniana, era uma árvore

representando quatro impérios por meio de seus galhos, agora se transforma em quatro árvores, cada uma assumindo o papel de um reino. Obviamente estamos tratando de um texto fragmentário, mas a idéia inicial de árvores simbolizando quatro impérios mundiais está presente em 4Q552-553, já que inicialmente mencionado no número de quatro.

Como foi dito, a árvore não desempenha somente o papel de imagem do cosmos, mas também pode configurar-se como uma “árvore da vida”. Parpola (10) defende a tese de que a “árvore da vida” assíria simboliza a ordem mundial divina, mas não só se referindo ao macrocosmos como também ao homem como um microcosmos (o homem ideal criado à imagem de Deus). Muito desta ideologia também circula entre os reis aquemênidas iranianos. A árvore estilizada com significados religiosos já aparece, segundo o mesmo, em 4000 a.C. na Mesopotâmia e em 2000 a.C. já está difundida no Oriente Próximo. A partir daí, teríamos as mais estilizadas “árvores da vida”, seja no Egito, na Grécia, nas civilizações indianas, no cristianismo, judaísmo, islamismo ou budismo. Apesar de ver a árvore mesopotâmica como a originária “árvore da vida”, Parpola nos adverte que muitos estudiosos ainda a vêem somente como uma “árvore sagrada”.

A árvore na tradição assíria representa tanto a ordem do mundo mantida pelo rei, quanto o rei como o “Homem Perfeito”. Esta associação do rei como um ser divino e representado por uma árvore sagrada parece ser uma versão mais antiga do tema dos reinos representados por galhos na árvore no BY, o que também nos leva a tradição daniélica, seja por meio da estátua representando quatro reinos ou pelas árvores do manuscrito 4Q552-553. Fato é que antes de representar um rei ou reino, a “árvore cósmica” representa o corpo divino. Isso fica evidente no texto indiano *Hino de Skambha* (presente no *Atharvaveda*), onde Deus é simbolizado por um tronco.

A tradição iraniana possui vários exemplos de árvores da vida, com uma especial atenção à “árvore portadora de todas as sementes”, descrita nas *Seleções de Zâtspram* 3.39-40 e no *Bundahišn* 16.D5-6:

De todos estes grãos, a árvore única portadora de numerosas sementes, portadora de remédios, crescia no mar de Fraxvkart, no qual se encontram todas as sementes das plantas, aquelas que provêm do bovino unicamente criado. A cada ano, o pássaro Sçn faz secar esta árvore única e mistura os grãos com água. Tištar os pega e os faz chover sobre as regiões da terra com a água da chuva. 5. Próximo desta árvore única, o hōm branco, curandeiro e puro de toda a mancha, crescia sobre as fontes das água do Ardisûr. Quem a come se tornará imortal. O nome dessa árvore é Gōkarn; como dizemos: o hōm que afasta a morte; e no momento da Renovação preparará a imortalidade. Este é o chefe das plantas.

Essa árvore mítica está bem próxima da *Soma* e da *GaokYrYna* (plantas semelhantemente divinas e com aspectos cósmicos), mas com outros elementos míticos. Por ter um reservatório genético da vida vegetal, a “árvore portadora de todas as sementes” configura-se como uma “árvore da vida” em sentido estrito.

É importante lembrar que a “árvore cósmica” do BY também é vista como uma “árvore da vida”, pois é semelhante à “árvore portadora de todas as sementes”. Hultgård analisa as formas com que aparecem a menção à “árvore cósmica” do BY e à “árvore portadora de todas as sementes”, pois o texto em *pahlavi* não deixa claro as semelhanças semânticas dos dois termos. Ambas as árvores tem em seu nome original o epíteto de “só”, “única” derivadas do avéstico *açva*. Deste modo, temos um indício da complexidade e importância da árvore do BY no contexto mítico persa. Ela não só é símbolo do centro, mas também da proliferação da vida, e parece ter tido bastante influência no mito judaico das quatro idades do mundo visto em Dn 2. Embora a tradição persa pareça ser bastante antiga, remontando até mesmo a 1000 a.C. (11), segundo Mary Boyce, ela constrói suas bases em uma outra tradição milenar, a indiana.

Na Índia antiga as idéias de “árvore cósmica” são muito variáveis, suas descrições textuais completas são bastante tardias e oferecem reinterpretações

especulativas dos mitos na época védica ou pré-védica. Entre tais árvores está a árvore *aœvattha* (citada no *Atharvaveda*), que aparentemente liga-se à árvore iraniana “portadora de todas as sementes”, por sua função curativa e à *soma* (descrita no *Rigveda*). Mas, o que temos de mais interessante na tradição indiana em paralelo à persa, é um outro símbolo do centro, até agora não citado, o “homem primordial”. Segundo Bardesanes (12), num relato que se encontra em *Stobias* 2.2, este estaria de braços estendidos (o que se pode imaginar como em posição semelhante à de uma árvore), e no centro da terra.

Em uma caverna, situada sobre a montanha ao centro do mundo, se encontra a estátua de um homem, cuja altura é de 10 a 12 cúbitos [cerca de 5 a 6 metros]. Este homem está de pé, os braços estendidos, como se estivessem crucificados. Sua metade direita é masculina, ao passo que sua metade esquerda é feminina. Sobre o lado direito de seu busto se encontra o sol, do lado esquerdo a lua. Abaixo dos seus braços estão figurados vários seres espirituais [angeloi] e tudo o que existe no mundo: o céu, as montanhas, o mar, os rios, o oceano, as plantas, os animais. Deus deu esta estátua a seu filho a fim de ter um modelo no momento da criação do mundo.

Sendo andrógino, esse homem primordial corresponde ao corpo do Deus supremo (*Visnu-Nârâyana*), assim como todos os homens do primeiro período do mundo, que são representações do microcosmos e sua multiplicação está ligada às idades do mundo indiano. Estas idades, em número de quatro (*krita*, *treta*, *dvâpara* e *kali*), aproximam o mito da “árvore cósmica” persa ao contexto indiano, já que estas representam uma degradação sucessiva da raça humana, assim com a árvore do BY. Além de ligar indiretamente as idades do mundo indiano com as persa, o “homem primordial” serve como um ponto de ligação entre a “árvore cósmica” do BY e a estátua de Daniel. Há, portanto, a possibilidade da estátua de Dn 2 estar de braços abertos no sonho do rei babilônico, como o homem citado por Bardesanes, mostrando não só paralelos com a árvore do BY, que já são bastante óbvios, mas também com o mito

indiano, além de uma precedência de um complexo mítico indo-europeu sobre a tradição judaica.

Em suma, os *Axis Mundi* rodeiam não só a tradição persa, como também se fazem presentes entre outros povos indo-europeus e semíticos. O que nos interessa aqui é ver como uma personagem como a “árvore cósmica” do BY apresenta elementos que a torna semelhante a “símbolos do centro” indo-europeus ou judaicos. Obviamente a tradição persa apresenta problemas quanto à sua originalidade e sua anterioridade à tradição judaica, mas não podemos ignorar o fato que suas idéias parecem ser bem mais antigas que seus documentos.

Notas

*Este paper foi escrito a partir de diversas pesquisas feitas por mim que visam encontrar pontos de ligação entre as tradições persa, indiana e judaica levando em conta o mito das quatro idades do mundo.

(1) Mircea Eliade. *O Sagrado e o Profano - a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

(2) Recebe o nome “serifótica” pelos elementos que apresenta, números ou contas, representados num diagrama por círculos numerados de um a dez.

(3) Carlo C. Cereti. “Bahman Yasht”. *The Zand I Wahman Yasn, A Zoroastrian Apocalypse*. Roma: Istituto Italiano per il Medio ed Estremo Oriente, 1995.

(4) Anders Hultgård. “Persian apocalypticism” in: John J. Collins (ed.). *The Encyclopedia of Apocalypticism in Judaism and Christianity*. 1 volume. New York: Continuum, 1998. Pp.39-83.

(5) Atualmente, só restam $\frac{1}{4}$ dos textos em avéstico, o que faz com que a maioria dos textos da tradição zoroastriana que se tem acesso sejam uma versão traduzida para o *pahlavi*.

(6) Versão do livro de Daniel pela Bíblia de Jerusalém (São Paulo: Paulinas, 1985).

(7) Aqui temos uma possível alusão aos casamentos entre Selêucidas e Ptolomeus.

(8) Não fosse pela confusão com o reino dos Medos que o autor do texto faz.

(9) Geo Widengren; Anders Hultgård e Marc Philonenko. *Apocalyptique iranienne et dualisme qoumrânien*. Paris: Adrien Maisonneuve, 1995.

(10) Simo Parpola. "The Assyrian Tree of Life: Tracing the Origins of Jewish Monotheism and Greek Philosophy" in: *Journal of Near Eastern Studies* 52 (3), 1993. Pp.161-208.

(12) Um dos motivos para que se chegue a esta conclusão é que em vários textos de tradição zoroastriana o ambiente recriado é o de pastores assentados, mas ainda não agricultores, o que condiz com a época. Uma outra prova de que o conteúdo do BY não seja posterior a pelo menos 1 d.C. é o relato de Plutarco à tradição iraniana, ao falar sobre cosmogonia e escatologia do Zoroastrismo em *Sobre Ísis e Osíris*. Gnóstico de 155 a